



## **IMAGENS DOS SERTANEJOS DA GUERRA DO CONTESTADO NAS PÁGINAS DA IMPRENSA**

### **Nuances da produção de sentido nos discursos jornalísticos do Diário da Tarde (Curitiba/PR, 1912-1916)**

**Karina Janz Woitowicz**

A leitura de um jornal histórico deve, a princípio, trazer a tona acontecimentos relevantes da sociedade em uma determinada época. Temas importantes do cotidiano, relações políticas e econômicas, desenvolvimento social e urbano, enfim, imagens de um tempo. No entanto, os textos trazem ainda uma série de pistas que indicam outras interpretações, que vão além da verificação de uma postura do jornal ou de registros dos acontecimentos. Dizem respeito ao contexto social, ou mesmo a um discurso social já partilhado, que cria a imagem de determinados atores sociais, ao mesmo tempo em que contribui para a formação de ‘consensos’ de significação através deste trabalho simbólico.

O presente trabalho<sup>1</sup> procura mostrar que, em meio a uma série de polêmicas que a Guerra do Contestado trouxe em seu processo de constituição e repercussão, um elemento comum aparece em todo o percurso histórico do movimento: o sertanejo, ou melhor, a sua imagem projetada pela prática discursiva dos jornais. Ora como agentes mobilizadores do movimento, ora como seguidores cegos de interesses políticos, ora como vítimas da ignorância, os textos veiculados no jornal *Diário da Tarde* no período de 1912 a 1916 oferecem alguns indícios para perceber o modo como o sertanejo é tematizado e representado na/pela imprensa.

Para realizar este percurso - que consiste em considerar o jornal como algo mais do que um registro de acontecimentos, uma vez que ele também atua e interfere na narrativa histórica, em uma relação recíproca - torna-se necessária uma breve contextualização da Guerra do Contestado, a fim de aproximar alguns elementos históricos aos ângulos adotados para interpretar a realidade na produção jornalística.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Núcleo de **Jornalismo**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Sabe-se que em quase 90 anos de construção histórica, a Guerra do Contestado – conflito social, político e messiânico que trilhou a história do Paraná e de Santa Catarina num período de transição sócio-política (1912-1916), conhecido como o primeiro movimento armado pela posse de terra neste século – já apareceu das mais variadas formas: movimento messiânico, campanha militar, levante monarquista, conflito social dos trabalhadores, disputa política entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, luta pela terra e contra o capital estrangeiro. No entanto, o movimento foi provocado por diversos fatores, em local e momento histórico determinados, envolvendo em combate um terço do exército brasileiro, forças policiais dos dois estados e cerca de 20 mil sertanejos. Uma luta polarizada entre universos e pretensões completamente diferentes, que se chocam e são, ainda hoje, incompreendidos.<sup>2</sup>

Este estudo vem mostrar que é possível recuperar a construção histórica e social do Contestado aproximando-nos de um ‘testemunho’ que sobreviveu ao tempo e dele extraíndo fatos e angulações. A pesquisa está centrada nos discursos mediáticos que produziram o Contestado, articulando vozes, opiniões e acontecimentos no principal jornal paranaense das primeiras décadas do século XX. Interessa, aqui, estudar algumas visões com que se falou sobre a condição sertaneja, na intenção de interpretar os modos como as variadas vozes que atuam no ‘campo polêmico’ do jornal falam sobre os sertanejos.

Entendendo que significar é um processo que conjuga discurso e história (ambos em movimento)<sup>3</sup>, atentaremos para as práticas discursivas como instâncias marcadas por interferências do contexto sócio-histórico em sua constituição. Para analisar as marcas deste processo de dizer a realidade, torna-se necessário levar em conta as condições de produção e a relação do discurso com seus efeitos, como sugere Eliseo Verón em sua abordagem da

---

<sup>1</sup> Este trabalho é uma adaptação de um dos capítulos da dissertação de mestrado – “Imagem Contestada – A construção da história nos discursos mediáticos da Guerra do Contestado (1912-1916)” – orientada pelo professor Dr. José Luiz Braga, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS, defendida em fevereiro/2002.

<sup>2</sup> Importante lembrar que nos manuais e livros didáticos mais divulgados de História do Brasil o movimento sertanejo aparece em breves referências, quase sempre distorcidas. Nas palavras de Eric Hobsbawm, palavras, lutas e conquistas são reduzidas a “notas de rodapé”, como costuma acontecer com os movimentos sociais que, em determinado momento da história, ousaram apresentar resistência a idéias e estruturas sociais já consolidadas. Percebe-se, desse modo, que as deficiências de informação - (re)produzidas em jornais e registros históricos - foram, em boa medida, responsáveis pela instauração de expressões de cunho ideológico como “fanatismo” e “banditismo”, tornando-se características dos movimentos sociais do campo.

<sup>3</sup> Consideramos a relação de constituição mútua entre linguagem e história como princípio para a investigação dos textos jornalísticos: “A existência das coisas é resultado da sua constituição no âmbito da própria relação linguagem/história; os sentidos só se produzem porque são históricos, e a história, por sua vez, só existe como tal porque faz sentido. Linguagem e história são processos inseparáveis.” (MARIANI, 1998, p.28)



‘semiose social’, em que a ideologia e o poder garantem ao discurso o seu aspecto histórico e social, sempre em relação com um conjunto de textos e com o seu sistema produtivo<sup>4</sup>.

Tratando a produção de sentido como resultado da prática discursiva, podemos compreender o ideológico e o poder como dimensões que repercutem e ‘orientam’ a própria sociedade; estão em toda parte, enquanto “chaves da inteligibilidade do campo social”<sup>5</sup>. Reconhecer estas dimensões da prática discursiva implica em descobrir as formas por meio das quais o imaginário social se inscreve nos discursos e os põe em movimento.

A partir do valor simbólico que adquirem as enunciações, o discurso jornalístico revela o poder da comunicação no sentido de instituir o imaginário e a realidade social, participando do processo histórico pelo trabalho cotidiano de produção das notícias. Afinal, ao pertencer à vida prática e imaginária da sociedade, o jornalismo manifesta seu poder: poder de dizer algo e de fazer coisas pelo que diz. Na análise de Alsina,

“En principio, se puede afirmar que la efectividad del discurso periodístico informativo no está en la persuasión (hacer creer) o en la manipulación (hacer creer), sino sencillamente en el hacer saber, em su próprio hacer comunicativo”. (ALSINA, 1989, p.14)

Para Nelson Traquina, são os meios de comunicação que determinam quais são os acontecimentos com direito à existência pública e definem o(s) significado(s) dos acontecimentos, oferecendo interpretações de como compreendê-los. Ou seja, o poder da comunicação não reside apenas em declarar as coisas como sendo verdadeiras, mas fornecer as formas pelas quais elas aparecem. Isso implica o trabalho ativo “de selecionar e apresentar, de estruturar e dar forma às coisas”(TRAQUINA, 1995, p.109). Afinal, é preciso levar em conta o trabalho de seleção, apresentação e instituição de uma ‘forma’ do que se diz como maneiras de atribuição de significado pelo jornalismo.

Não se pode negar a interferência de determinadas forças sociais agindo em meio à construção das notícias; questões políticas, econômicas e culturais têm no jornalismo um

---

<sup>4</sup> Milton José Pinto, referindo-se à perspectiva de Verón, explica que o ideológico está presente em um texto pelas marcas ou traços que as regras formais de geração de sentidos deixam na superfície textual; é, portanto, uma dimensão necessária de todos os discursos, responsável pela produção de qualquer sentido social. Em relação ao poder, o mesmo autor observa que se trata de uma instância que está em jogo em qualquer interação comunicacional, de modo explícito como objeto em disputa. (PINTO, 1999, p.42)



suporte para suas leituras do real. No sentido inverso, também o jornal manifesta sua voz relacionando falas, fatos, opiniões e aspectos contextuais. Este caráter múltiplo dos discursos sociais – pode ser tratado como um ‘eco’ de vários pedaços de significação.<sup>6</sup>

O discurso jornalístico, marcado por um tipo de relação com a verdade e a informação, está relacionado ao mesmo tempo com a ilusão referencial da linguagem e com o seu processo de constituição. Isto quer dizer que no discurso jornalístico, como tal, já se tem como parâmetro a própria instituição da imprensa agindo na produção das notícias. Assim, o que estabelece um elo entre os textos jornalísticos é o ‘deciframento’ de determinadas maneiras de produzir sentidos e a percepção do jornal como um jeito de ‘fazer história’. Por fim, percorrendo regularidades, movimentos e nuances de representação produzidas pelo jornalismo, procuramos aqui contribuir para a reflexão sobre papel do jornal na construção cotidiana da história através da análise da imagem do sertanejo construída e projetada pelo *Diário da Tarde* no período considerado.

### **Marcas de um discurso legitimado pela diferença**

A nação foi antes pensada em termos raciais do que entendida a partir de critérios econômicos ou culturais. O tema racial representou um argumento de sucesso para o estabelecimento de diferenças sociais, uma vez que a interpretação pessimista da mestiçagem e a cópia do modelo de pensamento europeu - que legitimava as desigualdades raciais, justificando seu domínio sobre os demais povos - marcaram o final da monarquia e os impasses da República Velha. Interessa, portanto, compreender como o argumento racial foi construído no momento da Guerra do Contestado pelas elites intelectuais brasileiras, assim como o conceito raça, que acaba recebendo uma interpretação sobretudo social.

“O pensamento racial europeu adotado no Brasil não parece fruto da sorte. Introduzido de forma crítica e seletiva, transforma-se no final do século XIX e início do século XX em instrumento conservador e mesmo autoritário na definição de

---

<sup>5</sup> A expressão “chaves de inteligibilidade do campo social”, utilizada por Foucault, é retomada por Eliseo Verón para manifestar a presença dos elementos que compõem as redes da produção social de sentido.

<sup>6</sup> Neste sentido que, para Alsina, “el acontecimiento periodístico es un eco. Un eco com diferentes voces. El sistema de comunicacion institucionalizada es un solo mundo con voces múltiples” (ALSINA, 1989, p.102).

uma identidade nacional e no respaldo a hierarquias sociais já bastante cristalizadas.” (SCHWARCZ, 1995, p. 42)

Presente no pensamento social brasileiro desde o final do século XIX, o argumento racial torna-se tema fundamental para compreender o modo como se forjou uma imagem predominante do sertanejo no período da Guerra do Contestado. Importante ter presente que a ciência evolutiva e as teorias raciais vigentes até a segunda década do século XX passaram por diferentes abordagens, a fim de explicar as características que marcaram as diferentes nações. A negação do negro e do mestiço, neste contexto, incide de maneira marcante na forma negativizada com que o homem do sertão é falado.

O Brasil, em função de sua composição étnica e racial, passava a ser analisado como modelo de falta e atraso através de uma percepção bastante consensual. Acreditava-se na deterioração decorrente da mistura de raças, capaz de apagar qualidades e deixar um tipo indefinido, híbrido e deficiente. Assim, a mestiçagem no Brasil não só era descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso ou a inviabilidade da nação.

Vários autores demarcam o final do século XIX como o marco para o surgimento do racismo no Brasil. Em sua recuperação histórica do argumento racial no País, Lilia Moritz Schwarcz lembra que o pensamento racial teve seu auge entre 1890 e 1920, quando as idéias de hierarquização das raças e da superioridade da raça branca adquirem foros de legitimidade científica. Nas palavras de Schwarcz, “uma nação mestiça era (considerada) uma nação invadida por criminosos” (1995, p. 167).

A trajetória do argumento racial oferece, portanto, alguns indícios para se compreender o pensamento social da época e o modo como ele se manifesta, na tentativa de identificar um ‘tipo’ físico característico de brasilidade. Foi pautando-se no ponto de vista da ciência, que emergia então como autoridade crescente, que os jornais teceram as representações do sertanejo do Contestado, entendendo a raça enquanto um problema não só social, na medida em que se considerava que a herança étnica poderia inferir negativamente nos destinos de um povo.

Nesta perspectiva, trataremos a denominação – na identificação de regularidades na forma como o sertanejo do Contestado é construído nas páginas do jornal *Diário da Tarde* – como uma forma singular de atribuição de sentidos, que tem na repetição o mecanismo de



afirmação de determinadas características. Assim, a insistência em argumentos que denotam a inferioridade do sertanejo em seus atributos de criminalidade, ignorância e fanatismo percorrem os textos jornalísticos, explicitando as marcas de um pensamento hegemônico condizente com as tendências da intelectualidade brasileira no período.

Denominar, portanto, é tornar visíveis as disputas, imposições, silenciamentos e projeções de sentido presentes na construção do acontecimento histórico (e mediático) do Contestado. De acordo com a reflexão de Bethania Mariani, o processo de denominação organiza-se na ordem do discursivo, que consiste na relação entre o lingüístico e o histórico-social, ou entre a linguagem e a exterioridade.<sup>7</sup>

Observando os jornais que tematizaram e construíram os acontecimentos da Guerra do Contestado, é possível perceber que o processo de denominação, embora conte com eventuais nuances de diferenciação, se faz valer de formas adjetivadas para reafirmar um sentido comum: a inferioridade (cultural e moral) do sertanejo. Que tipo de atitudes, no cenário simbólico construído pelo jornalismo, é possível esperar de “esfaimados carnívoros”(17/06/1915), “bandidos temíveis”(12/02/1915), “bandoleiros assassinos” (09/02/1915) e “hordas bárbaras de desertores da lei” (29/10/1912)? Que perfil os leitores acabam por construir de homens que figuram como “famigerados bandoleiros” (09/06/1915), “sanguinários inimigos” (10/10/1914), “criminosos fanáticos” (03/06/1912) e “feras indignas de piedade” (02/05/1914)?

Os adjetivos, ao explicitarem os valores presentes na sociedade, estão carregados de valor simbólico, angulando os sentidos negativamente. Assim, através das denominações “povo inculto e sanguinário” (02/10/1912), “caboclada rebelde” (05/09/1914), “selvagens criminosos” (12/09/1914) e “perversos facínoras” (17/09/1914), os sertanejos passam a ser considerados sinônimos de criminalidade, ao mesmo tempo em que as expressões “fanatismo bárbaro e truculento” (05/04/1914) e “infelizes jagunços fanatizados” (19/12/1913) evidenciam a “ignorância e ferocidade daquela gente fanatizada” (20/05/1914) dominada por seus “instintos sanguinários” (01/05/1914).

---

<sup>7</sup> “As denominações significam não apenas pelo que se diz com elas, ou pelo modo como se diz, bem como pelo que se depreende das relações que elas mantêm entre si. As denominações vão, assim, organizando regiões discursivas de sentidos que podem se repetir ou se transformar a cada período histórico, em correspondência com as relações sociais de força em jogo.” (MARIANI, 1998, p.119)



O fanatismo, a ignorância e a rebeldia consolidam-se, através das marcas discursivas do jornalismo, como as principais imagens do sertanejo em luta. Desse modo, mesmo quando o assunto principal dos textos é a questão de limites, ou aspectos políticos e econômicos que envolvem a revolta sertaneja, o discurso ‘sobre’ o movimento é parte constituinte da significação, incorporando os sentidos comuns referentes ao sertanejo em todo o percurso de evolução da guerra.

Enquanto a denominação marca de maneira explícita o modo como o sertanejo é representado nos jornais, os demais textos partem de falas ‘sobre’; assim, ao invés de dizer que o homem do sertão é ingênuo e inculto, fala-se sobre a sua crença; ao invés de defini-lo como fanático e desequilibrado, descreve-se suas ações e convicções.<sup>8</sup> Percebe-se, através destes enunciados, que a representação do sertanejo na imprensa, marcada pela afirmação da ignorância e da inferioridade, é uma mistura de ditos e não-ditos, insinuações e afirmações, que fazem da prática discursiva um campo simbólico com inegáveis interferências no contexto sócio-histórico. É este processo que funciona como elemento fundamental na reprodução dos ‘consensos’ discursivos do jornal, construindo um sentido ‘natural’ para a imagem negativizada no sertanejo ao longo da história.

### **Discursos e ações... produzindo o terror**

A análise da produção e da repetição de determinados efeitos de sentido permite reconstituir o cenário das regularidades discursivas que funcionam como suporte para uma leitura predominante da imagem do sertanejo nos discursos jornalísticos. Desse modo, as características já traçadas de “incultura” e “fanatismo” são legitimadas nos textos do *Diário da Tarde* através de outros argumentos que vão incorporar estes sentidos (e acrescentar outros) para produzir uma imagem determinada do movimento do Contestado.

Neste aspecto, a ciência e todo um discurso médico-legal passam a representar “discursos da verdade”, servindo até mesmo como explicação para determinados problemas sociais. Essas idéias, obviamente, atingem o cotidiano dos cidadãos através dos jornais e

---

<sup>8</sup> Essa questão transparece de maneira mais intensa no seguinte fragmento do mesmo jornal: “À simples vista, somos levados a não dar crédito às pregações e ao poder sugestivo desses monges maltrapilhos que sempre aparecem fazendo profecias e explorando as populações sertanejas. Mas a questão é que os caboclos, homens



passam a constituir elementos para a definição de critérios e perspectivas de civilização. Ao anunciar os atos de ‘banditismo’, ‘crime’ e ‘massacre’ realizados pelos integrantes do movimento, o jornal passa também a definir os traços de um grupo específico:

“São gravíssimas as notícias que hoje recebemos sobre os fanáticos. Segundo essas notícias, os caboclos, entregando-se a verdadeiros atos de banditismo, atacaram as estações de São João e Calmon, saqueando-as e massacrando.” (07/09/1914)

“É de fácil verificação pelo que nos dizem estes despachos a situação amarga e dolorosa em que se encontram as populações de Papanduva, Itaiópolis, Rio Negro e União da Vitória, em face dessa horda perigosíssima de selvagens criminosos que percorrem aquelas zonas, em desrespeito de autoridades constituídas e afrontando rudemente as populações laboriosas e honestas que vem caracterizando seus pseudo-fanáticos.” (12/09/1914)

“Este povo está bem armado a Winchester Comblain e muitas Mauzers e é um povo famigerado que não aceita acordo algum, a não ser o de matar, roubar e saquear, sendo sempre preferidas as propriedades dos paranaenses. Não se trata de fanatismo e sim de banditismo e saque, com o pretexto de Monarquia.” (08/10/1914)

Através destes discursos, os sertanejos representam um perigo para as ‘populações honestas’ das diversas cidades por onde passam. As origens do conflito e a situação de miséria e exploração que se somam aos fatores que levaram à guerra são ocultados nestes textos, enquanto as intenções de saquear, roubar e matar ganham destaque, em um contexto que o próprio jornal constrói pelo modo como informa os acontecimentos. Ignora-se, assim, as causas primordiais dos sertanejos para enquadrá-los em atos de ‘banditismo’, desprovidos de sentido contestador e reivindicatório, conforme sugere o jornal:

“Esses caboclos que agora põem em sobressalto o Contestado pouco têm em comum com os primitivos fanáticos que adoravam São José Maria. Uns, são desses ainda, com o espírito obcecado pela sua credence. Outros, mais numerosos, lutam ainda para vingar o bombardeio injustificado de Taquarussu. A maior parte são aventureiros que fazem do banditismo meio de vida. Há ainda os que os acompanharam por medo, sabido que é melhor estar ao seu lado que do lado oposto, e os que esperam de tudo isso a posse da terra que lhes foi extorquida.

(...) Sempre fomos partidários de uma solução incruenta. Queríamos a pacificação, por meio de emissários e os mandamos aos redutos. Fracassadas as

---

sem cultura e de uma credulidade inconsciente, deixam-se arrastar facilmente, quando se lhes contam cousas que os impressionam pela estupidez.” (26/09/1912)

tentativas, batemo-nos por um serviço de polícia energioso e permanente, até que os amotinados entrassem na ordem, e nossas palavras não foram ouvidas.” (29/08/1914)

A trajetória realizada pelo jornal aponta para o fim das características iniciais do movimento sertanejo, ou seja, a crença em José Maria, e parte para a sua transformação em caso de polícia, uma ameaça à sociedade. Há momentos, porém, em que o jornal se utiliza de argumentos que procuram justificar uma determinada leitura do social, propondo então ações no sentido de ‘colonizar’ o povo e aproximá-lo da ‘civilização’. Trata-se de estabelecer, através da oposição entre um ‘nós’ civilizado e um ‘eles’ atrasado, um jogo de sentidos no qual o Contestado representa a negação de uma sociedade em desenvolvimento.

É através da prática discursiva dos jornais que se propõe um ‘nós’ imaginário, pois, construindo representações do sertanejo, constitui-se ao mesmo tempo a imagem invertida do que normalmente se apresenta. O ‘nós’ representado pelo apoio às forças militares torna-se o ‘nós’ projetado como sendo o dos paranaenses. Os textos seguintes evidenciam este contraste, uma vez que projetam valores simbólicos diferenciados das forças em disputa:

“Como se não bastasse tanto sangue derramado, a jagunçada tirou, numa emboscada, a vida preciosa do capitão Matos Costa, ilustre e bravo oficial, cujos sentimentos humanitários trazem o mérito de uma pacificação, chamando-se à razão toda essa horda estúpida e alienada que é a dolorosa inferioridade cultural das populações do sertão brasileiro” (19/12/1913)

“Bandoleiros e assassinos, ou simples espíritos empolgados de negro fanatismo, os seres que, em bandos terríveis de ferocidade se levantaram empunhando armas contra as gloriosas forças do país eram essencialmente prejudiciais à ordem e ao progresso” (05/04/1915)

Percebe-se nestes enunciados uma espécie de linha divisória marcando, de um lado, um ‘nós’ em que figuram personagens conhecidos, respeitados e admirados, ‘vítimas’ da ação dos ‘jagunços’ e, de outro, figuras desconhecidas e pervertidas, inferiores culturalmente, alienadas e ferozes, ao ponto de serem consideradas ‘prejudiciais à ordem e ao progresso’. A partir dos efeitos de sentido produzidos por estes textos, na situação em que se inscrevem, é possível apreender a imagem predominante construída pela ação da imprensa.



## **Na inversão de papéis, o movimento de sentido**

No processo de evolução dos episódios da Guerra do Contestado, pode-se dizer que as transformações do contexto social e os interesses que regem tais situações modelam o conteúdo e as formas de significar das notícias. Em outros termos, é possível observar que a construção simbólica dos sertanejos e do movimento não permanece estável durante todo o processo, recebendo novos elementos e reafirmando ou negando dizeres anteriores.

Trata-se do processo de movimentação dos sentidos, que, em estreita relação com a situação específica em que são produzidas as representações, traz à tona as lógicas que orientam a produção de determinadas falas em detrimento de outras. Nessa dinâmica, os sentidos das palavras e expressões apontam para a sua constituição em termos das relações de forças sociais. Deslocar discursivamente o sentido, nas palavras de Bethania Mariani, “indica o processo de migração de sentidos”. Indica, ainda, que “as práticas discursivas estão em permanente processo de repetição e/ou ruptura em função da permanência e/ou transformação dos rituais enunciativos que as constituem” (1998, p.50).

Percorrendo os principais momentos do desfecho da guerra - dos primeiros combates e derrotas das forças oficiais até a interferência das polícias do Paraná e de Santa Catarina - pode-se considerar que os interesses em jogo (em especial referentes à questão de limites entre os dois estados) tornam mais ou menos aceitáveis as posições diante do movimento sertanejo, constituindo outras versões e formas de significar. O fragmento de jornal abaixo, anunciando telegrama sobre a pacificação pelo general Setembrino e transmitindo um apelo ao presidente do Estado do Paraná para o envio de recursos, promove um movimento de sentido do caboclo criminoso ao sertanejo vítima da sociedade.

“O general, comunicando ao presidente a grata notícia da próxima submissão dos sertanejos, dirigiu um apelo ao governo para que os nossos míseros patrícios, transviados do caminho da lei pela ignorância e pelo abandono em que vivem, sejam localizados nas terras férteis do Paraná “sob as vistas generosas e diretas de autoridades bondosamente moralizadas, a semelhança do que se faz com o colono estrangeiro, a quem cercamos de todas as regalias e que estão destruindo a alma da nossa pátria.”

Nessas simples palavras de um despacho telegráfico, o ilustre general aborda um problema de notável relevância social: a incorporação do proletariado nacional à sociedade (...) Como uma dolorosa antítese, o colono estrangeiro

tem todas as regalias: ocupa as terras que de direito pertencem ao nacional, recolhe do Estado toda sorte de auxílios, tornando-se, com os elementos de superioridade intelectual que já traz de seu país, um competidor, a que o sertanejo ignorante, supersticioso, fatalista, tem de submeter-se, por se encontrar isolado e sem apoio moral e intelectual de seus patrícios. O caso dos sertões é um sério problema moral e social, que revela uma bem inspirada solução; esta não é, porém, a destruição dos fanáticos a ferro e fogo.” (07/01/1915)

Este texto veiculado no *Diário da Tarde*, embora apresente marcas que legitimam a visão consensual sobre o sertanejo, traz também uma série de elementos que permitem (re)pensar a condição sertaneja. Afinal, em relação ao ‘colono estrangeiro’ - que recebe todo tipo de apoio do governo para se estabelecer no País – o caboclo passa a figurar como um compatriota, desfazendo a visível oposição presente nos demais enunciados entre um ‘nós’ e um ‘eles’. Neste contexto, o caboclo é considerado um ‘miserer patrício’ que só não partilha dos comportamentos e pensamentos ‘civilizados’ pela sua ignorância e abandono.

O que faz com que as ‘feras indignas de piedade’ se apresentem agora, no mesmo jornal, como vítimas da miséria social? Neste movimento de sentido, que lógicas pode-se apreender? Analisando os espaços organizados com sentidos já legitimados e a possibilidade da abertura desse dizer para rupturas, apreende-se o surgimento de outros sentidos, que se movimentam entre o ‘mesmo’ e o ‘diferente’. A abordagem deste tipo de percurso de significação assume contornos mais explícitos no momento em que o jornal se firma em um olhar sobre a questão do Contestado que se distancia dos sentidos inicialmente formulados em relação ao combate do movimento:

“Pelas informações que chegam daqui e dali e pelo desenrolar dos acontecimentos, o que se nos afigura é que os fanáticos estão unidos por dois elos principais: sua ignorância fanatizada por monges tão ignorantes como eles próprios e seu ódio a algum morubixaba politiquero que os tenha molestado por qualquer razão (...) Se são revoltados contra humilhações contínuas, se são vítimas da ignorância, ou se são ao mesmo tempo uma e outra coisa, merecem esses brasileiros ser acuados na sua toca, como feras, fuzilados a Mouser, varridos a metralha, despedaçados a canhão? Não! Sua culpa é bem menor do que a de quem os exacerbou e de quem os deixou crescer semi-bárbaros nos sertões, segregados da civilização, sem escolas e sem justiça. Que ao menos as intervenções se façam com o mínimo de efusão de sangue exigi-lo-iam os sentimentos de humanidade, se não o impusessem os da justiça. Eles também são brasileiros!”(07/01/1914)

Tomado agora por sentimentos humanitários, o jornal anuncia que ‘eles’, que também são brasileiros, não merecem ser tratados a bala, designando parte da ‘culpa’ pela situação de conflito à omissão da própria sociedade. Assim, contando com o respaldo de autoridades e grupos sociais da capital paranaense, o jornal legitima uma campanha – “Pela Humanidade!” - junto à opinião pública, posicionando-se como aliado dos sertanejos, em nome dos sentimentos patrióticos. É baseando-se na insatisfação com os rumos tomados pelas forças federais e policiais que o Diário da Tarde noticia, em tom emotivo:

“Comemorou-se o assalto de Taquarussu. Os caboclos foram feridos a bala, esfaqueados a metralha, espedaçados a canhão. Homens, mulheres e crianças morderam o pó, com os membros decepados, o peito varado, o crânio fulminado, o ventre estripado. O sangue tingiu de rubro as matas do sertão catarinense. Quarenta e oito sertanejos tombaram mortos. Venceu a tropa regular. Nós, do *Diário da Tarde*, estamos com a consciência tranqüila (...) Um dia, quando se escrever a história desses ajuntamentos, como Euclides da Cunha escreveu a de Canudos, há de constar de suas páginas os esforços que empregamos, como brasileiros e como moléculas da humanidade, para evitar a sangueira que correu. Nossa voz e nossa ação chocaram-se de encontro à invulnerável obstinação de uns e ao invencível fanatismo de outros. Mas nunca se dirá que tivéssemos concorrido para a tragédia com o nosso aplauso, ou sequer com o nosso silêncio.” (11/02/1914)

Além de nomear os culpados e lamentar o desfecho dos acontecimentos, ressaltando minuciosamente o modo como as forças procederam no massacre aos sertanejos, o jornal evidencia o papel da imprensa no desenrolar dos fatos, agindo sobre a realidade que noticia. Os esforços do Diário da Tarde em sensibilizar a população e apontar os rumos de uma solução ‘sem derramamento de sangue’ são os elementos principais presentes no discurso jornalístico, ao ponto de anunciar a entrada do jornal nas ‘páginas da história’.

Neste importante momento da história, em que o sertanejo é falado não mais como uma ameaça à sociedade - mas como parte e, principalmente, vítima dela -, deve-se procurar compreender as formas pelas quais se procura representar a condição sertaneja. No percurso histórico dos jornais, percebe-se que os próprios acontecimentos que se desenrolam após os primeiros meses do ano de 1914 acabam por promover a retomada das características anteriores atribuídas aos integrantes do movimento do Contestado.



Esta campanha de pacificação promovida pelo jornal representou um significativo elemento na definição dos rumos do Contestado. A relevância da observação deste momento específico, em que acontece o processo de ‘migração de sentidos’ a partir de mecanismos discursivos, está na singularidade com que se procurou traduzir o movimento, de modo a produzir sentidos sobre os fatos. Ao observar variações de tratamento que conduziram a determinadas imagens dos sertanejos nos jornais, foi possível constatar a construção de um discurso que repercute na sociedade e nas páginas do *Diário da Tarde* para traçar simbolicamente as marcas de uma história que se faz na polifonia dos sentidos.

### **Considerações Finais**

Procuramos, nesta tentativa de investigar os discursos que construíram as imagens do sertanejo, perceber certas nuances de representação (que vão do perfil de criminoso ao de vítima) e o modo como são construídas na história, evidenciando os significados latentes que fazem da realidade um processo constante de produção de sentido. Variando entre um trabalho ora analítico, ora reflexivo, ora emocional e dramático, ora de informação, ora de apelo a um determinado tipo de ação (às armas, à decisão política, ao humanitário), o *Diário da Tarde* coloca-se em pauta e mostra que o seu trabalho não se separa de um agir ‘orquestrado’ pelas forças sociais; trata-se de um tipo de interferência mútua entre o jornal e a sociedade da época, que faz com que os textos produzam sentido. A diversidade de perspectivas mostrou que o jornal elabora uma certa ‘lógica’ que o permite se mover entre posições e ângulos diferenciados, segundo a situação e os interesses em pauta.

O percurso pelas falas do jornal paranaense possibilitou perceber algumas formas pelas quais se compreendeu a condição sertaneja durante a Guerra do Contestado. Com a intensificação de uma narração que vinculava os rebeldes às atitudes criminosas, e ainda com o descrédito com que a sua religiosidade era tratada, percebemos também que as imagens do homem do sertão percorrem os textos jornalísticos, contribuindo para oferecer determinada leitura dos fatos já anguladas no transcorrer da guerra.

Neste sentido, é importante destacar que o vínculo do sertanejo ao analfabetismo, à ignorância e ao fanatismo, embora assuma sentidos diferenciados de acordo com a circunstância em que se revela, é parte integrante do consenso que se constrói discursiva e



simbolicamente ao longo do conflito. Este potencial de ação e representação que configura a atividade da imprensa se constitui porque o jornal

“(…) trabalha com e cria consensos, opera com dados num primeiro momento explícitos, e que na prática diária de repetições e reiteraões tornam-se cada vez mais implícitos, reforçando-se enquanto verdades ou pressupostos intocáveis (...) O jornal cria e recria consensos que a cada repetição necessitam de menos explicações.” (SCHWARCZ, 1987; 248)

O jornal, portanto, trabalha com a existência de questões essenciais e por isso mesmo nem sempre mencionadas explicitamente, ou na maioria das vezes enunciadas de forma subliminar. É no interior desses intervalos de ditos e não-ditos (segundo concepção proposta por Eni Orlandi) que se pode depreender um leque de representações sobre o movimento do Contestado que vai configurando, desdobrando e constituindo verdades assumidas coletivamente no processo de construção da história pelo jornalismo.



## Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miquel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 1989.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.
- MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio – No movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 1992.
- PINTO, Milton J. *Comunicação e Discurso: Introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker, 1999.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social – A Guerra Sertaneja do Contestado*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Retrato em branco e negro – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: Questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.

## Fonte

Arquivo da Biblioteca Pública do Estado do Paraná (Diário da Tarde, 1912 – 1916)